cuzou-lhes a razão e atribuiu-se uma alma imortal, uma descendência divina que lhe permitia quebrar todos os laços de solidariedade com o mundo animal. O que é curioso é que esta presunção ainda é estranha à creança como o era ao homem primitivo. E' o resultado duma evolução ulterior, de horizontes mais ambiciosos. O homem primitivo, no estado de totemismo, não considerava chocante fazer descender o seu clan dum antepassado animal. O mito que contém o resíduo desta antiga maneira de pensar, atribue aos deuses corpos de animais, e a arte dos tempos primitivos dá aos deuses cabeças de animais. A creança não sente nenhuma diferença entre o seu próprio ser e o do animal; é sem espanto que encontra nos outros animais que pensam e que falam; desloca sôbre o cão ou sôbre o cavalo um affecto de mêdo inspirado por seu pai, sem ter nisso a intenção de diminuir o pai. Só depois de crescido é que êle está suficientemente afastado do animal para injuriar o homem dando-lhe nomes de bestas.

Todos sabemos que os trabalhos de Carlos Darwin, dos seus colaboradores e dos seus predecessores, puzeram fim a esta pretensão do homem, há apenas pouco mais de meio século. O homem não é nada de mais nem de melhor que um animal, surge até da série animal, aparentado de mais perto com umas espécies, de mais longe com outras. As suas conquistas exteriores não conseguiram apagar os testemunhos desta equivalência que se manifesta tanto na conformação do corpo como nas disposições psíquicas. E' a segunda humilhação do narcisismo humano: a humilhação *biológica*.

c) A terceira humilhação, de ordem psicológica, é-lhe no entanto a mais sensível.

O homem, por muito rebaixado que esteja exteriormente, no íntimo sente-se rei de si mesmo. Forjou-se algures, no coração do seu *eu*, um órgão de «contrôle» que vigia se as suas próprias emoções e as suas próprias acções são conformes com as suas exigências. Se o não são, ei-las impiedosamente inibidas e retomadas. A percepção interior, a consciência, participa ao *eu* todos os processos importantes que tiveram lugar no aparelho psíquico, e a vontade, guiada por estas informações, executa o que o *eu* ordena, corrigindo o que se desejaria exe-

cutar de maneira independente. Porque a alma não é uma coisa simples, mas pelo contrário uma jerarquia de instâncias superiores ou inferiores, um encadeamento de impulsos que, independentes uns dos outros procuram realizar-se, e que correspondem ao grande número de instintos e de relações com o mundo exterior, muitas delas contrárias e incompatíveis. E' necessária à função psíquica que a instância superior tome conhecimento de tudo o que se prepara, e que a sua vontade possa penetrar em tôda a parte e exercer a sua influência. E o *eu* sente-se seguro, tanto da integridade e da veracidade das informações como da execução das ordens que dá.

Em certas doenças, e de facto, justamente nas nevroses, que estudamos, o caso é diferente. O *eu* sente-se mal, pouco à vontade, toca os limites do seu poder em sua própria casa. Súbitamente surgem pensamentos que não se sabe donde veem: não se é capaz de os repelir. Êstes hóspedes estranhos parecem ser mesmo mais fortes que os que estão submetidos ao *eu*; resistem a tôdas as forças da vontade que já deram as suas provas, permanecem insensíveis a uma refutação lógica, não são tocados pela afirmação contrária da realidade. Ou então sobreveem impulsos que parecem provir duma pessoa estranha, de modo que o *eu* os nega; mas no entanto receia-os e é obrigado a tomar precauções contra êles. O *eu* diz a si mesmo que se trata duma doença, duma invasão estranha, e redobra de vigilância; mas não sabe compreender porque se sente tão estranhamente tocado de impotência.

A psiquiatria contesta à verdade que êstes fenómenos sejam obra de maus espíritos exteriores que tenham invadido a vida psíquica, mas contenta-se em dizer, levantando os ombros: degenerescência, predisposição hereditária, inferioridade constitucional! A psicanálise empreende a elucidação dêstes casos mórbidos inquietantes, organiza longas e minuciosas investigações, forja noções de socôrro e construções científicas, e finalmente pode dizer ao *eu*: «Não há nada de estranho que se tenha introduzido em ti; é uma parte da tua própria vida psíquica que se subtraiu ao teu conhecimento e ao comando da tua vontade. Eis de resto porque tu és tão fraco na tua defeza; lutas com uma parte da tua força contra a outra parte, e não podes reünir tôdas as tuas fôr-